

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil

Class.: Pastoral Indigenista

Data: 8 de janeiro de 1982

Pg.: Missões de Fé

33R00006



### Comunidades tribais

O que mais surpreende na carta do Sr. J. O. de Meira Penna, publicada no JB. de 30 de dezembro de 1981, é a sua estreita e limitada capacidade de compreender uma reportagem tão bem escrita quanto foi a de Lillian Newlands. Esta incapacidade redundou em entender pelo avesso as declarações da antropóloga Denise Maldini Meireles, que em momento algum se coloca contra o ensino do português aos índios brasileiros. Colocou-se contra — e isto a reportagem deixa bem claro — a atuação do Summer, no sentido de que esta instituição nunca teve o objetivo de "converter os índios à civilização", como quer o Sr Meira Penna, mas de convertê-los à sua religião, o que significa interferir na superestrutura das culturas desses povos — reduto inegável da liberdade humana — infringindo, inclusive, o Estatuto do Índio.

Ressalte-se que existem inúmeras comunidades tribais brasileiras que se desenvolveram economicamente, alcançando uma significativa produção agrícola, sem que, contudo, tenham perdido os seus valores culturais básicos.

A História tem demonstrado que estas culturas — dinâmicas que são — respondem satisfatoriamente à introdução de novos elementos tecnológicos ao seu meio, o que não se verifica quando há interferências no sentido de modificar a sua visão de mundo e a sua organização sócio-cultural. Tanto assim que a interferência missionária entre os karitiana levou-os a adular seu sistema de roças comunitárias, redundando em menos alimentos para o grupo e — o mais grave — no aumento da tuberculose.

Portanto, a luta pela preservação de determinados valores superestruturais tribais não advém da concepção egoística e romântica que quer o Sr Meira Penna, mas de se interpretar e compreender um dado cultural à luz da complexidade do sistema no qual está inserido. Toda catequese é ideológica, uma vez que não existe religião sem um código ético, ideológico, portanto. Nesse sentido, xenófoba e reacionária é a concepção do Sr Meira Penna, dirigindo-se de maneira capciosa ao método de Paulo

Freire, uma vez que a sua ideologia não nega a imensa importância que tem como pedagogo e cientista social.

Desfazendo ainda a leitura às avessas que o Sr Meira Penna fez da reportagem, vale ressaltar que a antropóloga, ao lado da pedagoga Lenilda Soares Cunha e do linguista Antônio Gonçalves Dias, compôs o grupo de trabalho da Secretaria de Educação e Cultura de Rondônia, que enviou à Funai uma proposta de alfabetização de grupos indígenas em português. A tônica da proposta é precisamente o ensino da língua portuguesa como um instrumento de liberação e de compreensão do mundo dos brancos pelo índio, para que seja ele protagonista da História, e não objeto passivo de catequese.

Finalmente, quando o Sr Meira Penna afirma que a antropóloga preferiria ser comida pelos índios, concordo com ele. Ela preferiria ser comida sim — por via oral, naturalmente — acredito que seria para ela um sacrifício menor do que vê-los entoando, sem entender, hinos religiosos impostos sem se saber com que propósito. Apoena Meireles — Pôrto Velho (RO).